



Manuel Rangel\*

# MR

## CONTRA A "ESCOLA-FEIRA"!

Com a valorização, nos últimos anos, por diferentes grupos sociais, de um conjunto de actividades culturais que vão para além da Escola, mas também, e talvez sobretudo, fruto de uma generalizada falta de emprego para muitos profissionais (mais ou menos) ligados à educação e à cultura, multiplicam-se as ofertas de actividades dirigidas às crianças em idade escolar: teatros (de todas as espécies e feitios), espectáculos musicais, concertos, filmes, actividades de expressão plástica e bricolage, actividades ligadas ao ambiente, à ecologia e à saúde, quintas pedagógicas, escolas de línguas, clubes disto e daquilo, artes marciais e desportivas, etc., etc., etc.

As escolas recebem, por email, fax ou correio tradicional, todas as semanas, dezenas e dezenas de ofertas e propostas deste tipo. Se a estas juntarmos os programas de museus, bibliotecas, autarquias e outras entidades oficiais, temos, literalmente, centenas de propostas permanentemente apresentadas às escolas.

Sou grande e incondicional defensor da abertura da Escola às actividades da comunidade e da sua colaboração com outras instituições, numa perspectiva de proporcionar uma educação culturalmente mais alargada e enriquecedora para os alunos (como, aliás, tenho aqui várias vezes defendido).

Considero, por isso, toda esta oferta um sinal muito positivo e julgo que representa um enriquecimento do nosso panorama educativo e cultural, considerado globalmente.

**"(...) a Escola tem de evitar transformar-se num permanente vaivém de actividades avulsas, por vezes até desconexas, por muito interessantes e aliciantes que, isoladamente, possam ser."**

No entanto, também por tudo isso julgo que a Escola tem de ser cada vez mais segura de si, ter uma consciência mais clara do seu papel e dos seus objectivos, ou seja, do seu projecto educativo real (não burocrático), no sentido de poder seleccionar, não só aquilo que lhe cabe, como aquilo que é oportuno, em determinado momento, para determinado grupo, em função de um plano coerente e sólido de formação dos seus alunos.

A Escola tem, também por isso, hoje, que saber dizer "não". Tem de saber resistir, de uma forma forte e segura, a transformar-se numa "Escola-feira" (até porque a pressão, por vezes, é grande da parte de quem oferece as actividades). Ou seja, a Escola tem de evitar transformar-se num permanente vaivém de actividades avulsas, por vezes até desconexas, por muito interessantes e aliciantes que, isoladamente, possam ser.

Devemos pensar que muitas destas ofertas/propostas – que, reforço, representam um sinal de vitalidade e dinâmica no nosso panorama social e cultural – se devem começar a dirigir, essencialmente, aos pais e às famílias, como actividades a realizar

para além do tempo escolar; como actividades, efectivamente, extracurriculares. Bem sei que as escolas representam, neste momento, um melhor "mercado": porque mais sensíveis à sua importância e porque passíveis de mobilizar um maior número de crianças de cada vez. No entanto, há que inverter também este estado das coisas. Há, por um lado, que tornar os pais mais sensíveis e activos neste campo (o que representará também, e só por si, um enorme ganho cultural) e, por outro, será importante, também, não continuar a pedir tudo à Escola, deixando-a cada vez mais isolada no seu papel de educar as gerações mais novas. :

\*Professor